

## **O TEÍSMO TRADICIONAL E A ESPIRITUALIDADE HOJE**

Além de uma resenha sobre livro a respeito do islamismo (um assunto cada vez mais urgente, mas ainda muito pouco conhecido), este quarto número da **Revista Brasileira de Filosofia da Religião** traz um texto referente ao seminário sobre Teologia Natural e a Existência de Deus, realizado na Universidade de Brasília em agosto de 2015, e oito artigos relativos ao tema “Espiritualidade Hoje”, que foi o assunto central do 6º Congresso Brasileiro de Filosofia da Religião, realizado também em Brasília, em outubro de 2015. Como tem sido a marca da **RBFR**, os trabalhos refletem uma grande riqueza de abordagens sobre um objeto de estudo filosófico que é praticamente inesgotável, mas que permite, ao mesmo tempo, um debate com foco definido e aprofundado.

O texto de Robin Collins, intitulado “Teísmo Metodológico” traz uma proposta original sobre a articulação entre religião cristã e ciência moderna. Com base em sólidos conhecimentos tanto de Física quanto de outras áreas das ciências naturais, Collins apresenta uma proposta que nem pretende que o conteúdo teísta do cristianismo seja tomado como hipótese científica (ao modo do chamado criacionismo científico) nem entende que este seja prescindível na ciência. Com a noção de teísmo metodológico, o autor defende um lugar para o teísmo como o de concepção de fundo que orienta a atividade científica, mas não é parte da tese a ser investigada.

Para alguns, a ideia de que o teísmo é central ao cristianismo pode parecer metafísica demais, ou seja, pressuporia o privilégio de um elemento conceitual e teórico em uma religião que é, acima de tudo, experiência espiritual e prática de vida. Essa tensão é explorada em vários dos artigos relativos à questão da espiritualidade hoje. O trabalho de Marcio Gimenes sobre a ideia de deus dos filósofos e sua relação com o Deus da fé, comparando Cassirer e Kierkegaard, é bastante representativo do quanto

essa tensão pode ser explorada em benefício do aprofundamento filosófico da compreensão da prática religiosa cristã.

O texto de Ruling Barragán, sobre a noção de Wittgenstein acerca da interpretação de Deus como sentido da vida, vai também na direção de uma crítica à ideia de teísmo metafísico como central à atividade religiosa. O filósofo austríaco deixou uma marca profunda na filosofia da linguagem contemporânea, mas também exerceu considerável influência na filosofia da religião atual, especialmente no tocante aos elementos místicos da vida espiritual, que estão precisamente para além da possibilidade de expressão linguística comum.

Giovanni Vattimo e Friedrich Schleiermacher são também autores críticos do que é comumente chamado de compreensão metafísica da religião. Raphaelson Zilze faz uma comparação entre os pensamentos desses autores no tocante à relação entre teologia e espiritualidade desde um ponto de vista hermenêutico e a partir do que é entendido no artigo como “consciência histórica”.

A crítica ao elemento metafísico do cristianismo está presente também na tese de Feuerbach sobre a essência antropológica da religião cristã. Nesse caso, a metafísica teísta é criticada em vista de uma concepção que privilegia a sensibilidade e a natureza, entendidas como realidades mais imediatas e palpáveis, captáveis pela experiência e presentes na existência material concreta. Esse é o tema que será explorado no texto de Karla Samara Sousa – “*A Filosofia do Futuro como Filosofia da Sensibilidade em Ludwig Feuerbach*”.

Outra crítica ao teísmo tradicional é feita com a proposta de uma concepção alternativa de Deus, entendido não como pessoa imaterial transcendente à natureza, mas sim como intimamente presente ou coincidente com esta – o panteísmo. O próprio entendimento do que vem a ser essa concepção e alguns dos principais aspectos do debate em torno da tese panteísta são objeto do artigo de Luciana Lopes, que apresenta um panorama geral desse debate, mas se concentra principalmente em ideias de Espinosa e Schelling.

Críticas ao teísmo tradicional – seja desde um ponto de vista naturalista e sensibilista, seja de uma perspectiva panteísta – podem ser vistos como indícios de uma crise da religião cristã como base da cultura ocidental. O ateísmo filosófico do século XIX e início do século XX seria um retrato desse processo e a proposta de superação dessa base cristã, substituindo-a por outra, pretensamente mais em sintonia com a racionalidade científica e com a liberdade do indivíduo. O artigo de André Geske investiga a ideia de crise da religião no ocidente como indicador de crise da cultura, tomando como ponto de partida o pensamento de Sigmund Freud e a analogia feita por este entre o desenvolvimento da cultura e o amadurecimento do Ego.

Mas seria a concepção tradicional teísta irremediavelmente irreparável? Seriam assim tão forçosas as críticas ao elemento metafísico do cristianismo? Estas são perguntas que estão longe de ter uma resposta definitiva e a defesa da concepção tradicional tem adeptos de peso na filosofia da religião contemporânea. Afinal, nem tudo que é novo é realmente melhor. Na defesa não exatamente da concepção tradicional teísta, mas sim do conceito consagrado de fé está o artigo de Domingos Faria. Ele analisa as duas dimensões normalmente associadas à fé nas religiões monoteístas – a crença de que Deus existe (a dimensão doxástica) e a crença em Deus (a dimensão prática ou de adesão confiante) – e defende que essa combinação torna a perspectiva tradicional mais defensável argumentativamente.

Essa possibilidade de defender o que tem sido duramente criticado é bastante comum na história da filosofia e é também bastante comum na história das religiões, em especial, do cristianismo. Essa discussão que permite a inclusão de várias posições, que têm de prestar contas tanto às regras da argumentação racional quanto à natureza do assunto que está sendo discutido, é sinal de uma perspectiva plural. É exatamente o pluralismo presente no cristianismo primitivo, a partir do pensamento do filósofo judeu Franz Rosenzweig, que o artigo de Marcos Jasminoy investiga.

O presente número da Revista Brasileira de Filosofia da Religião apresenta, portanto, um conjunto de trabalhos que mostram várias facetas do problema da espiritualidade nos dias atuais e do lugar (ou falta dele) da concepção teísta tradicional na filosofia hoje. Qualquer que seja a concepção adotada pelo leitor, esperamos que

todos possam encontrar material para aprofundar a reflexão sobre um tema que se enriquece e se amplia a cada vez que é debatido.

Universidade de Brasília

*Agnaldo Cuoco Portugal*

*Doutor em Filosofia da Religião pelo King's College da Universidade de Londres. Professor da Universidade de Brasília (UNB). Foi presidente da Associação Brasileira de Filosofia da Religião (ABFR) entre 2010 e 2015, ocupando agora o cargo de Secretário Geral; é um dos coordenadores do GT de Filosofia da Religião da SOTER e coordenador do Grupo de Pesquisa em Filosofia da Religião da UnB. Trabalha principalmente com as áreas de Filosofia da Religião e Filosofia da Ciência.*

